

Transcrição Entrevista 1

Para identificação das falas serão utilizadas as iniciais P (Pesquisadora) e P1 (Participante 1)

P: Boa Tarde. Essa pesquisa, ela faz parte de um projeto que foi submetido através de um programa de bolsas universitárias da universidade do contestado vinculado com UNIEDU, que é um programa de bolsas que envia as verbas pra cá, como intuito de coletar dados para análise de depoimentos das pessoas sobre pensamento suicida até a atitude suicida não efetivada. Você como participante é voluntária e pode desistir do processo a qualquer momento, caso necessário. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, é resguardado o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais e de identificação do participante. A qualquer momento o participante pode fazer perguntas para esclarecer dúvidas. Serão utilizados nomes fictícios na transcrição para que haja absoluto sigilo quanto aos dados do participante. Tudo bem?

P: então, eu gostaria de saber o seu nome?

P1: Vinicius de Souza Júnior, eu tenho 20 anos, nasci em São Bento, morava lá e agora moro aqui em Canoinhas.

P: qual a data do seu nascimento?

P1: 21/03/1999.

P: o seu grau de escolaridade?

P1: ensino médio completo e estou fazendo graduação.

P: o seu Estado Civil?

P1: solteiro.

P: você é praticante de alguma religião?

P1: agora não.

P: você possui filhos?

P1: não, que eu saiba.

P: você possui vínculo empregatício no momento?

P1: sim.

P: Agora eu gostaria de saber um pouquinho sobre a sua história de vida. O que você sabe a respeito da sua gestação?

P1: então, o que eu sei é que não foi planejada, né, eu vim assim de “gaiato” surpresa, por que minha mãe e meu pai eram muito novos, minha mãe tinha 16 e meu pai 19, então eles foram imprudentes e eu acabei nascendo. Mas o que eles relatam e não só eles mas toda família relata, que eles nunca me deixaram de lado, nunca me negaram amor, vamos dizer assim. E conforme eu fui crescendo, me desenvolvendo, eu percebi que nunca faltou amor, nunca faltou vontade deles, eu tive uma infância digamos assim boa com a minha família, eu acho que é isso.

P: Se sim, o que mais você se lembra da infância?

P1: eu brincando com meu irmão, porque era o que eu mais fazia.

P: O que mais gostava de fazer?

P1: O que mais gostava de fazer acho era jogar bola na rua, na frente de casa.

P: o você se lembra da sua Adolescência?

P1: o que eu lembro da minha adolescência é que eu fui um garoto que era sempre bem tímido, foi bem tarde que eu comecei a ter relações com outra pessoa, não só fazer relações mas sim beijar assim foi bem tarde, acho que era porque eu não tinha muito interesse eu gostava de outras coisas, acho que eu amadureci muito tarde porque eu queria brincar, me divertir, a partir do momento que tive o primeiro beijo foi, sei lá, mudei minha vida, mas minha adolescência foi bem legal, não tenho do que reclamar.

P: O que mais lhe é nítido na lembrança quando se fala de adolescência?

P1: eu acho que meio que tudo. Não sei, não sei te responder, não vem nada agora, assim.

P: O que mais gostava de fazer?

P1: jogar bola.

P: Quais as lembranças dos seus momentos mais felizes?

P1: na adolescência, eu, nossa, não sei se eu tive momentos felizes na adolescência, acho que momentos felizes eu tive depois, que eu considero momentos felizes, talvez quando eu dei meu primeiro beijo.

P: Quais as lembranças dos seus momentos mais tristes?

P1:na adolescência, eu acho que quando meu pai brigava comigo, meu pai e minha mãe eu acabava me fechando, não falava com eles, eu ficava bem triste, bem mal, que hoje eu percebo que ficava muito mal por causa disso.

P: Como você costumava lidar com a tristeza?

P1: eu me fechava, não lidava com ela, tentava esquecer, fazer um recalque com ela, eu ia guardando, guardando e uma hora explodia.

P: e como eram essas explosões?

P1: eram por coisas bobas, falavam um “A” eu já, nossa, virava, por causa que daí como eu não falava as minhas angustias e tristeza, quando eu resolvia falar era em forma de brigar com outra pessoa, querer talvez agredir verbalmente tentando liberar algo que estava me angustiado.

P: Como você lida hoje com situações que te frustram?

P1: muito bem, hoje muito bem, com terapia e com muito remédio, hoje eu acho que qualquer coisa é difícil me abalar, eu vejo no dia a dia eu sempre tento ver a melhor forma de lidar, hoje eu não me abalo.

P: Como você via a frustração antigamente?

P1: eu acho que como algo que era o fim da minha vida, porque eu não sabia lidar com a frustração, quando acontecia alguma coisa que não “tava” de acordo ou era o contrário do que eu tinha esperado eu ficava como isso, como aquilo, eu acho que eu não tinha nenhum controle sobre mim ou a situação em si. Era tenso.

P: Você já questionou a sua maneira de viver?

P1: não.

P: Sempre se manteve...?

P1: Não, pensando melhor sim, em momento que eu via que precisava mudar.

P: Em qual momento que você enfrentou uma situação que pensou em morrer?

P1: Um momento específico? Acho que quando teve, uma vez quando eu não tinha feito nada de errado, e isso vinha se acumulando e como eu não falava nada, daí tipo uma injustiça e desvalorização, eu pensei ah tentei, não aguento mais aquilo, já vinha de tempo, daí eu pensei, sim, sim.

P: Tem algo em especial que você gostaria de falar sobre sua adolescência, infância, esse processo de transição?

P1: eu acho que se eu tivesse tido ajuda quando criança hoje seria totalmente diferente, sabe, claro que o que aconteceu foi bom, sou o que sou hoje graças ao que aconteceu, mas se eu tivesse um psicólogo durante o meu desenvolvimento pré operatório, eu acredito que eu teria conseguido viver bem melhor comigo mesmo.

P: Teve algum acontecimento específico nesse período?

P1: assim, que eu lembre não.

P: Agora a gente vai falar um pouquinho sobre sua tentativa de suicídio, as perguntas serão mais direcionadas a isso. Você poderia me falar sobre sua vontade de morrer?

P1: minha vontade de morrer é que eu queria acabar com o que eu tava sentindo, essa angustia, esse embrulho que eu tinha dentro de mim, eu tava muito exausto, muito cansado queria acabar com tudo dentro de mim, queria descansar, queria dormir.

P: Você chegou a perceber alguma mudança na sua rotina, antes da tentativa?

P1: não.

P: Você observou mudanças no seu humor?

P1: sim, antes da tentativa? Eu ficava muito irritado com qualquer coisa, até quando eu ia para a aula tinha voz das pessoas assim, normal, e quando vinha falando eu já me irritava, brigava por qualquer coisinha, discutia, percebi muita mudança.

P: Sabe quando isso começou, quanto tempo antes da tentativa?

P1: eu acho que não tem uma data exata para quando começou, mas foi 1 mês antes de eu tentar, eu pensei, me veio na cabeça “será que se eu fizer alguma coisa, acabasse com a minha vida, isso não iria acabar?” mas eu não fiz nada, eu só pensei, desde então foi 1 mês antes eu vinha pensando sobre que aquilo naquele momento era melhor, a melhor forma de acabar com tudo isso.

P: Você procurou falar com alguém sobre o que estava acontecendo?

P1: não, não eu não falava com ninguém eu não conseguia falar com ninguém, era só sozinho mesmo, eu até tentei antes, eu mandei mensagem, mas não esperei me responderem.

P: Você procurou algum serviço de política pública, como o CAPS ou o SUS?

P1: não.

P: Se não, sabia da existência dessas políticas públicas para esse atendimento?

P1: sim, sabia.

P: Você procurou algum serviço privado/particular de ajuda psicológica?

P1: não.

P: Alguém lhe indicou algum serviço público ou privado?

P1: não.

P: Alguém, próximo ou não tão próximo, notou alguma mudança de comportamento ou humor?

P1: sim, eu acho que meus pais sempre falavam que eu “tava” diferente, minha vó falava, meu irmão dizia que a gente brigava direto, acho no trabalho também, perguntavam se “tava” tudo bem, eu “tava” bem estressado, eles davam bom dia eu já saía jogando ferramenta em cima deles.

P: Quando ocorreu a tentativa?

P1: então, foi a primeira vez num dia que eu “tava” cansado, eu “tava” cansado, parece que tudo que eu fazia não “tava” bom p ninguém, aí eu discuti com um cara do trabalho e peguei fui embora isso era meio dia, eu cheguei em casa, eu “tava” com essa angustia muito grande e não sabia o que fazer. Eu tenho uma espingarda de pressão e eu cheguei a procurar ela, mas não achei. E daí eu pensei uma coisa que é fácil agora é remédio, e eu peguei tudo que eu vi na minha frente, tinha relaxante muscular, p dor de cabeça, tudo que é tanto que tinha lá e eu tomei tudo numa vez e daí eu apaguei.

P: Em que local aconteceu?

P1: em casa.

P: Foi a primeira tentativa?

P1: sim.

P: ocorreram outras e como aconteceram?

P1: teve mais uma vez, depois da primeira eu fiz acompanhamento com psiquiatra, “tava” tomando medicação mas não “tava” fazendo tratamento psicológico, o medicamento “tava” ajudando mas eu não “tava” falando o que eu “tava” sentindo, eu “tava” afastado do meu trabalho aí quando começou a chegar os dias próximos de eu retornar e eu comecei a ficar com medo que começasse tudo de novo, eu ia ficar estressado de novo, foi em casa também, nesse dia “tava” só o meu irmão, eu fui pro quarto e a única coisa que eu achei foi um cadarço de tênis e eu passei duas, três vezes no meu pescoço e essa foi a segunda vez que eu tentei suicídio. Eu me machuquei, tudo, só que minha mãe entrou no quarto e cortou daí.

P: Existiu alguém para quem você contou o que estava prestes a fazer, antes de fazer?

P1: não, eu acho que não comentei com ninguém que eu ia fazer.

P: Qual era o seu pensamento no momento da tentativa?

P1: eu queria acabar com tudo que eu “tava” sentindo, com toda esse embrulho dentro de mim, era o único pensamento, não pensei em nada.

P: O que faria você voltar atrás?

P1: nada. Eu acho, que eu não voltaria atrás, que eu acho que eu só mudei hoje e só consigo falar hoje porque eu fiz, claro que eu poderia ter morrido, mas hoje eu consigo falar, hoje eu faço acompanhamento com psiquiatra e com psicólogo e meu relacionamento está melhor com as pessoas porque isso aconteceu, eu acredito, então se eu voltasse no tempo lá e fizesse diferente lá, sabe...?

P: Com relação aos primeiros socorros e atendimentos. Quem lhe socorreu?

P1: a primeira eu não lembro muito bem porque eu “tava” muito dopado, mas eu lembro que umas horas a minha mãe foi no meu quarto porque era p eu ir p faculdade, mas eu não conseguia ficar de pé, “tava” tudo girando, tudo amortecido, não conseguia falar e daí eu recordo que ela falou que ia me levar no hospital, daí eu apaguei. Eu acordei umas 4 horas da manhã eu já estava em casa, nem sei, acredito que eles me levaram ao hospital. Nem cheguei a perguntar o que que foi feito.

P: Você estava consciente durante o processo socorrista?

P1: não. No primeiro não, na verdade no segundo minha mãe arrancou os negócios de mim e acho que ela acabou me machucando mais, daí o que ela fez foi ligar p CAPS ver se tinha medico lá. Ai eu lembro que foi lá, ai eu lembro que a dona Isabela foi lá me ver como eu estava e no outro dia eu fui no CAPS.

P: Como você foi atendido no CAPS?

P1: Então foi, eu agradeço primeiramente a Psicóloga do CAPS da Três Barras, porque na primeira vez que eu fiz a Isabela ela mandou mensagem p ela que precisava marcar uma consulta mas ela não conseguia falar com a psiquiatra do CAPS de Canoinhas, aí ela ia marcar em Três Barras, mas daí ela conseguiu falar com Psiquiatra que aceitou que eu fosse no dia lá fazer a consulta já com ele, e acredito que foi bem de imediato, eles não hesitaram em nada, o CAPS, e até hoje eles estão dando suporte.

P: Houve internação?

P1: não, foi até sugerido na segunda vez mas não teve internação.

P: Você iniciou tanto tratamento Psicológico ou Psiquiátrico, isso? Hoje você passa por algum acompanhamento?

P1: sim eu estou fazendo com os dois.

P: E quanto tempo está em acompanhamento?

P1: com o psiquiatra 4 ou 5 meses, não lembro ao certo e com a psicóloga eu acho que faz 1 ou 2 meses.

P: Você abandonou o tratamento ou pensou em abandonar?

P1: já, muitas vezes já, eu não aguento tomar remédio, esse negócios eles tiram toda libido que eu tenho por tudo sabe, não tenho vontade de nada, então já tentei, já pensei, teve dia que eu recusava, foi bem no começo eu me recusava a tomar pq eu não queria tomar esse negócio. Com a psicóloga eu nunca pensei, mas quanto aos remédios já pensei.

P: Mas nunca chegou a abandonar?

P1: não, não cheguei não.

P: Como é para você falar sobre isso?

P1: hoje é bem suave, bem de boa sabe, eu falo sem vergonha nenhuma do que eu fiz, só não falo com os meus parente lá que sempre tem um outro tio que é chatos que vai falar que é coisa de Deus então eu não comento, e até acho na minha família tem bem pouca gente, sabe, talvez meus pais e minha avó, mas assim em m relação aos amigos eu falo daí eles falam “nossa como você fez isso” daí eu explico que não foi rebeldia nem nada, só que eu não “tava” sabendo lidar com a situação, e até acabo recomendando que é bom, vai falar, aprender a ter esse habito de conversar e fazer terapia que, né, eu nunca fiz, por isso que até no começo da terapia era muito difícil eu não conseguia falar nada, a psicologia perguntava e eu respondia tipo respondia e já acabava, hoje é diferente eu respondo e vou falando, falando, falando.

P: Tem algo a mais que você gostaria de falar sobre isso?

P1: eu acho que falar só de tudo que eu passei e hoje eu tenho certeza, agora como eu “tô”, que não tentaria de novo, porque as coisas mudaram, eu mudei, eu aprendia falar, a ver as coisas diferente, eu acho que... eu tenho quase certeza – não vou falar certeza porque eu não confio em mim – mas eu não tentaria de novo, se tivesse alguma ocasião que os pensamentos viessem eu sei procuraria ajuda.

P: Quero te agradecer por você ter dividido sua história e eu quero deixar gravado que estou a sua disposição para te escutar quando você precisar.

Transcrição entrevista 2

Para identificação das falas serão utilizadas as iniciais P (Pesquisadora) e P2 (Participante 2)

P: Essa pesquisa, ela faz parte de um projeto que foi submetido através de um programa de bolsas universitárias da universidade do contestado vinculado com UNIEDU, temos o intuito de coletar dados para análise de depoimentos das pessoas sobre pensamento suicida até a atitude suicida não efetivada. Você como participante é voluntária e pode desistir do processo a qualquer momento, caso necessário. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, é resguardado o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais e de identificação do participante. A qualquer momento o participante pode fazer perguntas para esclarecer dúvidas. Serão utilizados nomes fictícios na transcrição para que haja absoluto sigilo quanto aos dados do participante. Tudo bem?

P2: tudo.

P: Então vamos à entrevista. Preciso do seu nome?

P2: Joaquina Valencio.

P: idade?

P2: 24 anos.

P: data de nascimento?

P2: 11/05/1995.

P: local onde nasceu?

P2: Canoinhas.

P: A sua escolaridade?

P2: ensino fundamental.

P: Seu estado Civil?

P2: solteira.

P: Você é praticante de alguma religião?

P2: católica.

P: Possui filhos?

P2: não posso ter.

P: Possui vínculo empregatício no momento? Um trabalho?

P2: não.

P: Agora vamos falar um pouco sobre a sua história de vida, tudo bem? O que você sabe a respeito da sua gestação?

P2: é que minha mãe teve eu em casa e depois de uns 7 anos meu pai faleceu, eu já não me criei com a minha mãe, me criei em abrigos até os 18 anos, entrei em depressão tive vontade de suicídio, eu queria morrer, tive vários internamentos,

então minha vida não foi fácil, ainda não “ta” sendo fácil, eu fiquei 5 meses sem vim pro CAPS, agora eles pediram para mim voltar porque eu “to” precisando de ajuda, “to” precisando de medicação, esses dias eu fui pro hospital de novo porque eu tentei mais um suicídio, meus amigos que moram perto da igreja onde eu no momento “to” morando agora me viram com uma corda no pescoço, eu já queria morrer, eu não quero viver mais, minha vida “ta” uma droga, minha vida não “ta” fácil, sabe... então as vezes eu penso em desistir, até de viver, minha vida assim não “ta” muito fácil, eu moro em uma igreja de favor, aonde eu moro é tudo aberto, a gente pode até “ta” correndo perigo, a minha família já não é muito por mim, mas assim, eu sempre digo que não pedi para entrar em depressão, faz 15 anos que eu “to” aqui no CAPS, eu entrei no CAPS eu tinha 8 anos, então minha vida foi aqui, então eu agradeço e se não fosse por eles talvez eu nem tivesse aqui, eu comecei a usar drogas, comecei a beber e nisso que veio as vontades de suicídio, igual ela vem aqui mas eu não me acerto muito bem com ela, mas a gente participa dos grupos, mas eu não queria porque ela quase me mandou pro hospital com uma tijolada na cabeça.

P: o que mais lhe é nítido na lembrança da sua infância?

P2: eu me lembro assim, pouca coisa, eu tive momentos bons com a minha irmã nos abrigos, esses foram os momentos bons com ela. Com a minha mãe eu não tive infância, eu não posso dizer assim que eu tive uma infância boa com ela, as vezes eu queria ser só uma criança normal brincando e me divertindo, eu não tinha isso, eu e minha irmã tinha que estar ali porque minha mãe tinha o problema dela com o alcoolismo.

P: O que mais gostava de fazer?

P2: eu gostava de costurar, bonecas. No abrigo eu fazia isso, eu gostava sempre. Do abrigo eu vim fazer aqui também, gostava de fazer bastante crochê, eu aprendi porque eu nem sabia pegar numa agulha antes, no abrigo a gente também eu gostava de fazer crochê, sapatinho para as crianças, é uma coisa boa estar ajudando assim, alguém que não tinha.

P: O que você lembra da sua Adolescência?

P2: minha adolescência eu perdi toda ela no “HJ”, eu ficava duas semanas em casa e o resto em internamento, então eu perdi ela toda no “HJ”.

P: O que você mais gostava de fazer?

P2: eu não fazia, eu só usava drogas.

P: E quais foram as lembranças dos seus momentos mais felizes?

P2: quando a minha mãe foi me visitar no “HJ” que a gente estava bem afastada uma da outra, para mim foi uma coisa boa, e eu pedia tanto para deus que eu queria dar um abraço nela, e ela foi bem no dia do meu aniversário, e eu precisava dela, de um momento feliz.

P: Quais as lembranças dos seus momentos mais tristes?

P2: Quando eu sai do “HJ” com anemia no sangue e fiquei 15 dias no hospital, foi o dia mais triste que eu tive, que eu sai direto pro hospital, eu nem podia ficar no “HJ” me internaram no hospital até minha família poder me buscar. Esse foi o dia mais triste porque eu “tava” em tratamento eu peguei infecção na bexiga, anemia tudo lá no “HJ”.

P: Como você costumava lidar com a tristeza?

P2: a minha tristeza eu quero um álcool, ou eu me corto, ou eu penso em tirar minha vida, porque parece que só assim minha tristeza ia embora. Antigamente eu vinha toda cortada pro CAPS porque parecia que assim minha tristeza ia embora.

P: Como você lidava com as situações que te frustravam?

P2: eu voava na pessoa, partia para a agressão física.

P: Como você via a frustração?

P2: eu via a raiva assim que eu não conseguia me segurar, a pessoa “tava” ali fazendo alguma coisa como... e eu voava nela.

P: Você já questionou a sua maneira de viver?

P2: eu “to” assim, não sei se é porque eu queimei a casa da minha mãe, porque eu “tava” morando lá, e eu “tava” escutando vozes mandando eu queimei, assim, eu fiz uma escolha minha, nenhuma pessoa mandou eu pôr fogo na casa. Eu “to” na rua foi uma escolha minha, não da minha família, e se eu perdi minha família agora e amizade com a minha mãe, só que igual eu fui no medico lá em Florianópolis e ele disse que eu não fiz por querer, é por causa do meu problema de depressão que acusou eu a fazer isso, só que eu digo p minha família que não tenho culpa se eu já nasci com esses problemas de depressão, as vezes eu digo p minha mãe porque que ela não me deu veneno se ela sabia que eu ia vir com esses problemas.

P: Em qual momento que você enfrentou uma situação que pensou em morrer?

P2: quando eu perdi meu pai, eu não aceitava, queria morrer, morrer, morrer, brigava com tudo mundo porque eles deixaram ele morrer, porque não deixaram eu morrer no lugar dele, eu era muito apegada nele.

P: Tem algo em especial que você gostaria de falar sobre sua infância e adolescência?

P2: é minha adolescência, agora que eu “to” tentando melhorar e tentando me levantar né com ajuda dos outros do CRAS e do CREAS que tão me ajudando muito, me dando força então eu agradeço muito eles e do CAPS por terem me aceitado de novo.

P: Eu gostaria que você falasse um pouquinho sobre a sua vontade de morrer?

P2: assim minhas vontade de morrer é porque eu “to” cansada da minha vida, porque eu “to” morando na rua, não tenho ajuda da minha família, a minha mãe não “ta” nem ai e eu as vezes pergunto para Deus porque eu “to” aqui, porque ele não me leva, igual eu “tava” hoje ali conversando com Julia que minha vontade é de morrer, porque eu acho que eu ia descansar e minha família também.

P: Você chegou a perceber alguma mudança na sua rotina, antes da tentativa?

P2: quando eu começo a tremer e chorar assim pode contar que vem um ataque e suicídio.

P: Você observou mudanças no seu humor antes da tentativa?

P2: eu não posso passar raiva, qualquer coisa que me deixa enraivada eu já começo a chorar, a tremer, já quero morrer, até esses dias, semana passada, eu fui pro hospital e fiquei 3 dias internada em Três Barras com a minha amiga tentou me salvar porque eu “tava” com uma corda no pescoço trancada no banheiro, eu queria morrer mesmo, eu disse a gente fica cansada de viver assim, sem a família ajudar, apoiar, eu não tenho vontade de viver sabe, do jeito que eu “to” vivendo não é fácil para mim.

P: Sabe quando isso começou, quanto tempo antes da tentativa?

P2: eu começo assim, eu coloco alguma coisa na cabeça, e minha cabeça não “ta” me ajudando muito, por causa da medicação que eu fiquei 5 meses sem tomar e isso não “ta” me ajudando, qualquer coisa assim, até hoje, eu posso estar conversando assim e logo já começo.

P: Você procurou falar com alguém sobre o que estava acontecendo?

P2: com a psicóloga no CRAS, ela até pediu para eu conversar com o CREAS eu fui, daí até participei do grupo, e eles tão vendo que as minhas crises são uma atrás da outra, de querer se matar, é uma atrás da outra, essas crises de “meosmismo”, de quere se matar, não é só uma, “to” participando do grupo do CREAS então para eles é difícil me controlar, até tento me controlar, mas eu não consigo, mas a minha

vontade é de quebrar tudo, as vezes eu fico pensando em quebrar tudo no CREAS, mas daí eu penso em coisas boas e boas e pinto um pano de louça daí parece que tudo vai embora eu começo a pedir para Deus que aqueles pensamentos ruins vão embora e não só assim p me controlar.

P: Você procurou algum serviço de política pública, como o CAPS ou o SUS, e como você foi atendida?

P2: eu já “tava” aqui no CAPS, o primeiro foi com o Psiquiatra e eu era de menor e não podia participar daí ele viu que eu tinha muitos problemas e precisava daí me colocou aqui no CAPS, porque fazia 1 mês que meu pai tinha falecido e eu peguei uma arma do meu tio porque eu queria me matar e foi daí que minha mãe tirou a arma da minha mão e eu queria morrer.

P: Você procurou algum serviço privado/particular de ajuda psicológica?

P2: quando a minha família viu que eu “tava” mal mesmo, que eu já “tava” no abrigo, minha pediu para eu ir falar com o Psiquiatra, eles viram que eu não era igual as outras crianças, que eu era diferente, eu era muito depressiva com os outros, eu ia no banheiro e me cortava, então foi com 8 anos que eu comecei a consultar com o Psiquiatra.

P: Alguém, próximo ou não, notou alguma mudança no seu comportamento ou humor?

P2: sim.

P: Então o que aconteceu?

P2: sim, foi indicando psiquiatra, minha tia trabalhava na universidade e entendia mais das coisas, daí que eles indicaram o psiquiatra para eu ir consultar, depois ele disse que era para eu ir pro CAPS, eu disse que não iria que eu “tava” bem, que aquilo não era para mim, que eu não era louca, que isso não era uma doença e o CAPS era uma bobagem, porque eu não sabia que eu tinha problema mental, não sabia da depressão e o que era o CAPS e que eu precisava.

P: Quando ocorreu a tentativa?

P2: 1 mês depois da morte do meu pai, eles estavam tudo trabalhando, eu não vi que minha tia tinha chegado com a minha mãe, eu fui lá e peguei uma cadeira e fui pegar o revolver, porque eu sabia onde era guardado, daí eu fui pro banheiro porque eu queria me matar, e quando eu fui colocar as balas elas entraram e disseram que não era para eu fazer isso, eu disse saia da minha frente que eu quero me matar, que era para eu pensar bem, eu disse que não queria mais viver, que eu queria

estar com ele, o meu pai, e que era para ter levado eu ao invés dele e daí minha tia me disse que se eu fizesse aquilo eu não encontraria ele lá no céu porque eu iria para outro lugar onde ele não “tava”. Daí ela me ofereceu ajuda, perguntou se eu iria na consulta com o psiquiatra para conversar. Daí lá que eu descobri que eu já tinha esse problema mesmo, de doença mental.

P: Essa foi a primeira tentativa, e as outras?

P2: a segunda foi que eu “tava” num abrigo aí eu fui pular o muro porque eu não queria ir para a aula porque eu já não “tava” bem e eu consegui pegar uma faca na cozinha, eu ia me matar com uma faca, mas acho que alguém do abrigo viu pelas câmeras e daí chamaram a polícia, eu tentei até fiz uns cortes no meu braço, porque eu queria me matar mesmo. A terceira foi na ponte aqui do bairro, eu comecei a usar droga daí eu pensei que eu só queria tirar a minha vida, eu não aguento. A quarta foi um pouquinho mais pior.

P: como foi a quarta?

P2: eu peguei uma mangueira mesmo, para tirar a vida, mas a de fogão a gás mesmo, daí eu comecei a derreter ela no pescoço mesmo, eu queria morrer queimada, e foi assim que foi aumentando o suicídio, aumentando mais os meus problemas, aumentando mais os internamentos, tenho 42 internamentos, a maioria de suicídios e outros de agressão. E minha vida foi criando só internamento.

P: Existiu alguém para quem você contou o que estava prestes a fazer, antes de fazer?

P2: eu nunca falava com ninguém.

P: Qual era o seu pensamento no momento da tentativa?

P2: eu queria morrer. Nada dava certo para mim, sempre parecia que tinha alguém comigo, sempre que eu ia fazer tinha alguma coisa boa que não queria que eu fizesse isso, que tirasse a minha vida, acho que era Deus no momento.

P: O que faria você voltar atrás? Não tentar o suicídio?

P2: se eu tivesse minha família de novo. Se minha mãe gostasse de mim, se minha família me apoiasse. Mas isso eu não tenho. Isso que me deixa com mais raiva, as vezes eu tenho vontade mesmo de acabar com tudo, tirar a minha vida porque seria melhor para todos, eu iria sair da rua, minha família ficaria mais alegre. Tem cada áudio no celular da minha amiga, da minha irmã de outra cidade que diz que eu deveria morrer mesmo, que eu não faria falta, daí eu peguei uma corda e disse

então “ta” bom se é isso que isso vocês querem, eu pelo menos vou sair da rua e não sofro mais.

P: Quem lhe socorreu?

P2: minha tia, bombeiro e polícia.

P: Você estava consciente durante o processo socorrista?

P2: sempre nervosa.

P: Como e onde você foi atendido?

P2: eu era bem agressiva, as vezes precisavam me amarrar p me levar pro PA p dar um calmante. Todas as vezes no PA.

P: Houve internação?

P2: “HJ” em 3 cidades diferentes.

P: Você iniciou algum tratamento ou acompanhamento Psicológico ou Psiquiátrico?

P2: Com o Psiquiatra de outra cidade. CAPS, CREAS, CRAS. Para o CAPS eu voltei hoje, depois de 5 meses devido a um incidente de agressão ocorrido com funcionários, e também por escutar que eu era louca por que frequentava o CAPS. E essas crises minhas não são só por falta de medicamento, e agora tem que ser uma medicação mais fraca porque eu “to” na rua.

P: E quanto tempo está em acompanhamento?

P2: CRAS 3 meses que vou nos grupos. CAPS desde os 8 anos. Daí eu falo com as psicólogas de lá, e como um psiquiatra me falou que sempre que eu começo a sentir essas coisas ruins, pensar em suicídio ou essas coisas eu tenho que falar com alguém desabafar mesmo, e as psicólogas me ajudam nisso.

P: Você abandonou o tratamento ou pensou em abandonar?

P2: sim por 5 meses, por vários motivos, principalmente pelo que falavam de mim e pela minha mãe ser diferente aqui.

P: Como é para você falar sobre isso?

P2: para mim é desabafar, porque assim, a minha fase que eu passei é uma coisa ruim e uma coisa boa, porque assim quando você “ta” falando você “ta” desabafando com alguém que te entende e te escuta e é uma coisa tão boa desabafar.

P: Tem algo a mais que você gostaria de falar sobre isso?

P2: não, acho que é isso.

P: Quero te agradecer por ter dividido sua história e estou disponível para te escutar quando precisar.

Transcrição entrevista 3

Para identificação das falas serão utilizadas as iniciais P (Pesquisadora) e P3 (Participante 3)

P: Essa pesquisa, ela faz parte de um projeto que foi submetido através de um programa de bolsas universitárias da universidade do contestado vinculado com UNIEDU, que é um programa de bolsas que envia as verbas pra cá, a gente tem o intuito de coletar dados para análise de depoimentos das pessoas sobre pensamento suicida até a atitude suicida não efetivada. Você como participante é voluntária e pode desistir do processo a qualquer momento, caso necessário. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, é resguardado o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais e de identificação do participante. A qualquer momento o participante pode fazer perguntas para esclarecer dúvidas. Serão utilizados nomes fictícios na transcrição para que haja absoluto sigilo quanto aos dados do participante. Tudo bem?

P3: sim.

P: Então vamos à entrevista. Preciso do seu nome?

P3: Maria Lúcia.

P: idade?

P3: 42.

P: data de nascimento?

P3 20/09/1977.

P: local onde nasceu?

P3: Canoinhas /SC.

P: Qual a sua escolaridade?

P3: Ensino médio.

P: O seu estado Civil?

P3: Solteira.

P: Você é praticante de alguma religião?

P3: Católica.

P: Possui filhos?

P3: 2 filhos.

P: Possui vínculo empregatício no momento?

P1: Não.

P: Agora vamos conversar sobre a sua história de vida, sua gestação, infância e adolescência, tudo bem? O você sabe a respeito da sua gestação?

P3: A gestação já começa muito traumática, todos falavam, minha mãe teve depressão pós parto da minha irmã pouco mais velha do que eu. Ela teve surto e já foi internada em clínica psiquiátrica, em 3 cidades diferentes, depois ela engravidou, quando se viu grávida, porque ela já tinha 3 filhos, o pai trabalhava o dia todo, chegava em casa noite, saía de madrugada e chegava só a noite. Ela ficava sozinha com as crianças e as tarefas da casa. Não tinha renda boa, não tinha quase roupas para vestir, ela se sentia mal, era muita pressão, cuidar dos filhos, roupa, fralda e grávida de mais um. O que sei que ela batia na barriga, batia a barriga na parede ela queria me perder, queria ir em curandeira, tomar garrafada, queria me abortar. Não queria mais um filho, já me chamava de “praguinha”, não quero essa praga na minha vida. E depois que eu nasci também teve muita rejeição, me chutava, jogava no chão, muitas vezes meus irmãos mais velhos que me acudiam, meu pai. O desejo dela era só acabar com minha vida. Ela não sentia na condição de criar mais um sozinha, não tinha apoio das tias e as cunhadas todas abandonaram, deixaram ela sozinha com a doença dela. Era muito discriminada, havia muito preconceito, para ela era uma louca, era uma loucura, mais na época não se via como uma depressão, um transtorno mental. Aí quando eu era bebê ela foi internada e eu fui passada para uma tia minha me cuidar. Quando ela voltou da internação, ela ficou uns 8 meses internada, fui entregue a ela, ficou uns meses estável, aí começou de novo uma tia minha me contou, que tinha vindo da cidade, desceu do ônibus, estava passando em frente de casa, escutou aquele choro de nenê, isso eu soube recentemente, isso mexeu muito comigo. Ela escutou aquele choro de criança, chegou para ver como estava minha mãe e se deparou com ela tentando me afogar em uma bacia de água que ela me dava banho. Ela disse que eu estava chorando e com o corpo todo assado, queimado porque a água estava muito quente, daí ela me socorreu, me vestiu, aí minha mãe se acalmou. Eu era bebezinho. Depois ela foi embora. Aí logo minha mãe foi internada novamente até os 6 anos de idade. Época de ir para a escola eu fiquei parada com uma tia minha. Daí retornei para casa, daí eu já tinha um pouco de “servimento”. A gente acordava no meio da noite o pai e a mãe brigando, ela tinha um ódio muito grande do meu pai. Ela culpava ele dos filhos, ela não queria cuidar, ela chamava nós de praga, de peste, eu não quero ver essas

pragas, Sabe eu tenho essas lembranças as vezes de dia ela pegava meu pai pelas costas, com faca, várias vezes meu pai foi esfaqueado no rosto, pescoço, braços. Ela quebrava cadeira nas costas do meu pai. E a gente sempre presenciando aquilo, chorava desesperada e aí meu pai também machucava minha mãe, era aquela luta com os dois, aí vinha meu irmão que era mais velho tinha uns 11 anos que vinha e separava eles e fazer com que aquilo se acalmasse. Aí foi se passando o tempo, meu pai fez um juramento disso depois que tudo isso aconteceu que eu nasci né, se é pra fazer filho e acontecer isso, nós nunca mais vamos ter uma relação sexual, não queria mais tocar nela, né. Segundo meu pai era ela que procurava ter relação, então né e ela culpava ele, e sempre um jogava a culpa no outro, Aí meu pai em uma atitude de desespero pra certifica que não ia mais, isso a gente soube bem depois de uma internação que o pai teve por causa de uma infecção urinária, ele no desespero ele pegou cortou o pênis, fez meio que uma vasectomia sozinho. Deve ter sofrido muito com aquilo, meu Deus a gente só soube anos depois, né, que ele tinha chegado a esse ponto, para se garantir que ele não ia mais correr o risco de fazer filho. Aí minha mãe né eu já estava com uns 7 ou 8 anos, meu pai ia trabalhar, ela ficava com nós em casa e ela começou a se encontrar com um vizinho, de repente ela apareceu grávida, Daí meu pai sabia que não era dele, porque ele não tocava mais nela, aí minha mãe tocou a gestação e meu pai na época não podia deixar dela porque tinha os filhos, não sabia o que fazer, né, por ser uma pessoa muito correta, não ia abandonar a mãe naquela situação. Quando chegou a hora do parto ele disse “se quiser voltar para casa volte sozinha deixe essa criança na maternidade que eu não vou criar filho dos outros” e realmente a gente estava eufórico pra mãe chegar em casa com um irmão, um bebê e ela chegou sozinha sem barriga, sabe, aquilo foi bem triste, mas a gente entende que não era um filho do pai. Aí continuou aquela situação das internação da minha mãe, viagem longa para Florianópolis, nesses viagens o pai tinha que acompanhar ela, nós ficava sozinho com o irmão mais velho, quando já estava com 8 ou 9 anos por aí, meu irmão mais velho já estava lá pelos 16 ou 17 anos, aí ele se aproveitava quando meu pai foi Florianópolis, teve uma enchente grande ele ficou ilhado por um bom tempo até baixar a água, nesse período meu irmão se aproveitou, molestou eu minha irmã fez coisas imperdoáveis com nós sabe que hoje a gente tem uma amizade, é vizinho de cerca mas é difícil, sabe, conviver com ele e lembrar de tudo que ele fez com nós. A gente ia tomar um banho de repente a gente se via espiada

por ele sabe coisas assim que a gente ficava sem saber por onde pôr a cara, sabe a gente ficava envergonhada e a gente foi crescendo e o tempo foi passando né. Ai minha mãe vinha com a mesma coisa aquela luta as brigas, quando vinha as vezes só ficava na cama gritando, gritando ela batia a cabeça contra as paredes, agredia se arranhava a gente sempre convivendo com aquilo. E fomos crescendo, aí terminamos a escola lá, começamos a estudar aqui na cidade, mas daí para fazer o colegial ficou difícil, pagar transporte, a gente tinha que trabalhar na roça, aí meu irmão começou a plantar fumo fazia nós ir trabalhar pra ele, desde criança todos trabalhando no fumo, mal pagava, dava uns trocado, explorava bastante a gente mesmo nessa parte, coisas que na época a gente não via como grave. Mas hoje a gente vê que aquilo não foi correto. Aí foi passou-se anos, daí quando eu atingi meus 18 anos já estava assim, queria sair de casa a qualquer custo mas era menor de idade era tudo tão difícil, aí como não tinha outro recurso, quando sai de casa fui tocar um bar, só que eu não tinha noção do que era tocar um bar. Um bar onde só chegava homem embriagado e eu bebia também e assim foi, daí começava a chegar aqueles homens bonitos, casados, bem sucedido, oferecia dinheiro, quando a gente via já estava se prostituindo sabe assim entrei num rolo sabe que foi até os 21 anos uma bola de neve. Me sujei assim de um modo que não imaginava o que eu estava fazendo, que aquilo era uma desgraça da vida da gente, né. Todo mundo falava largue mão isso não é coisa que se faça, mas a gente não queria passar por aquela situação, vivia bebendo ali, se divertindo, do que está lá com o irmão explorando para trabalhar e “tal”. E eu nesse período eu gostava de um homem sabe. Só que daí eu comecei a namorar um rapaz que eu também gostava muito, ai eu estava vendo que a gente ia se deixar. Sabia que ele ia me deixar porque ele já tinha outra namorada, ai eu comecei tentar engravidar dele, se eu perder ele vou ficar com um filho dele pra mim. Não vou engravidar para prender ele mas pra ter um filho mesmo, pra sempre pra mim. E foi consegui “tal”, larguei o bar as bebidas, cigarro e tudo, levei uma gestação, tive uma depressão, hoje eu vi que tive uma depressão forte na minha gestação, porque só ficava na cama dia e noite chorava, chorava, só chorava. Daí eu pagava aluguel não tinha como não tinha mais rendimento, tinha aqueles homens que até procuravam, mas a gente grávida o que ai fazer né, ai acabava conseguindo só um dinheirinho aqui outro ali só pra se virar. E ai não sei se estou falando demais não sei como resumir isso. Daí meu filho nasceu, daí um irmã minha que mora fora, mais velha, veio para cá com o marido

dela ver a situação, disse largue mão você tem que voltar lá para o interior, para casa, você não pode ficar com essa criança aí, pagando aluguel e tudo. Vamos lá eu conversei com o pai ver se ele deixa você ficar lá com ele. Daí nós fomos lá o pai recebeu bem disse que podia voltar. Carreguei minha mudança e levei para o interior a mãe estava em uma fase boa, estava bem tomando a medicação e assim foi e ficou, passando. Quando deu um ano meu pai deu um AVC, ficou vários dias internado no hospital meio que inválido, paralisou o lado direito dele, ele não conseguia comer sozinho, não conseguia andar. Eu trazia ele na fisioterapia, durante um bom tempo, tinha um convênio graças a Deus, era funcionário público, ele conseguiu voltar a andar, conseguiu se alimentar sozinho, aprendeu a comer com a mão esquerda, foi uma fase difícil para ele e pra mim, a gente cuidar de uma pessoa na cama e ver ele uma pessoa livre, trabalhador, ele não entendia afetou a mente dele também até aí foi. Começou as brigas com meu irmão dizia onde se viu sair gandaia pela vida e voltar com um filho para casa nas costas do pai. Eu não tinha mais notícias do meu pai do meu filho ele tinha ido embora. Não tinha como eu ter uma pensão nada. Fui vendendo os móveis, com a venda dos móveis eu ia levando e criando meu filho. Ele mamou no seio até um ano e meio isso me ajudou muito. De tanto eu brigar com meu irmão, reapareceu um senhor que era muito, muito rico, voltamos a sair, me ajudou bastante, como meu pai também tomava muito remédios, esse senhor com quem me “prostitua” bancava os remédios do meu pai. O SUS não dava, era tudo comprado, chegou um tempo que eu pedia “preciso de 100 reais para comprar remédio para meu pai”, ele me disse “eu dou dinheiro para você, os teus irmãos que tem que ajudar, mais meus irmãos não queriam nem saber, ficou tudo sobre mim”. A mãe graças a Deus nessa época estava bem. Chegou um ponto que esse homem disse para mim largue mão, eu alugo uma casa na cidade para você toda mobiliada para você e seu filho irem morar, vim para a cidade, mas cada vez que ia visitar meus pais, via eles “num” abandono, sem comida nos armários, o pai sem tomar os remédios a mãe assim nem bem nem mal, mas jogados. Aquilo mexeu comigo, pensei vou levar eles morar comigo, já tinha conseguido um trabalho de agente de saúde, já estava meio independente desse meu amante, Trouxe eles para cá, aí minha mãe começou com aqueles surtos, eu trabalhava de agente de saúde no bairro que tinha muito pobreza, miséria, a gente passava e via muitas crianças com poucas roupas no frio na chuva, brincando nas poças de água, animais magros, aquilo me doía, me fazia muito mal,

aquilo foi fazendo mal e eu só chorava, não dormia. Assim passei tempos, ia trabalhar não tinha condições de chegar naquelas casas. Tinha um mulher que teve neném e eu fui ver se estava tudo certo as vacinas, aí tinha um monte de cobertas no sofá, fui tirar as cobertas o bebê dela estava morto ela estava se drogando na madrugada, disse que o bebê estava chorando e ela cobriu para não escutar e o bebê morreu asfixiado. Coisas assim que mexeu muito com minha cabeça. Fui pedir minhas contas disse que não queria mais esse emprego, tinha renda do meu pai, tinha esse homem que me ajudava, eu gostava muito dele, era doente por ele, era casado, tinha se divorciado. Depois começou a sair conhecer outras pessoas, foi me colocando de lado, eu comecei a sofrer, sofrer, comecei a mentalizar essa ideia de me matar, pulei uma parte principal que era meus 16 anos tentei suicídio com os medicamentos de minha mãe, duas cartelas de medicamento, que dava 28 comprimidos, tomei tudo em uma vez só dormi por quatro dias e quatro noites, quando acordei me senti deslocada não sabia onde estava e o que tinha acontecido, ficou preocupado o que aconteceu, o pai perguntou o que tinha acontecido com o que eu tinha me envenenado que fiquei todo esse tempo. Já tinha deixado uma carta responsabilizando meu irmão pelo aquilo que tinha feito, para mim eu ia morrer, essa carta sumiu, deve ter sido meu irmão que consumiu para não ter que ser responsabilizado. Mas depois toquei a vida, meu filho tinha uns 3 anos foi em 2004 eu com aquela dor no peito com aquela rejeição do rapaz aquilo me doía demais, eu não dormia mais. Minhas amigas, minha irmã chegava lá em casa naqueles dias de verão, quente, sol, eu debaixo das cobertas, quarto escuro e eu só chorando, passava dias e noites sem dormir e eu só mentalizava, suicídio, suicídio, me matar, mas eu tinha que ver como deixar minha mãe e meu pai, não conseguia ninguém para cuidar deles. Pensei o filho minha irmã cuidava. Consegui levar meus pais para o interior e eu penso com aquele pensamento só faltava coragem, minha mãe tinha uns medicamentos, não tinha quem fizesse ela tomar, agredia a gente e não tomava e ficava lá aqueles medicamentos. Vários tipos de remédios eu tinha aquilo guardado e mentalizando, uma hora vou pegar e tomar todos esses remédios. Eu não aguentava mais tinha muito sofrimento e rejeição da vida. Daí em uma noite eu tinha saído em uma janta era época de política, tinha saído para fazer campanha para um amigo meu, depois tinha um churrasco a gente bebeu tomei várias bebidas estava em “cozidona”, cheguei em casa bebi mais, liguei para esse cara que eu gostava, uma mulher atendeu, falei que era namorada dele, ela disse para não ligar

mas para ele, aquilo foi a gota, peguei todos aqueles comprimidos coloquei em um copo, coloquei água morna comecei a mexer comecei e aquilo ia diluindo, diluindo, pensei é hoje, peguei um caderno que escrevia sobre ele o sentimento que eu tinha, queimei tudo, cortei um monte de pão deixei na mesa, pensei até me acharem meu pai tem pão, leite e depois de tudo diluído comecei a tomar, “loco” de ruim, pensei se soubesse tinha tomado os comprimidos era mais fácil, tomei tudo, deitei, quando acordei já tinha se passado uns 4 dias, estava na UTI, estava minha irmã, uma amiga minha do lado e eu delirando, não falava coisa com coisa, pedia para ver o cara que eu gostava. Isso aconteceu na sexta-feira e só me encontraram no sábado à noite, porque legavam e não atendia, ligaram para uma vizinha e pediram para ir ver o que tinha acontecido. Me acharam na cama já fria, chamaram o bombeiro, chegando no hospital o médico fez os pré exames e disse que não tinha o que fazer, daí me colocaram na UTI, entubaram e me deixaram lá, o médico disse que fiquei muito tempo em uma só posição e os órgãos começaram a par e aí peguei uma pneumonia, quase morri por causa da pneumonia, devido ter tomado uma dose alta de álcool, esses remédios não fizeram o efeito que tinha que fazer, acordava na cama amarrada, queria sair, delirava muito, tentei tirar as ataduras me espetei com agulha do soro, fiquei com sequela no braço, tive que fazer fisioterapia. Fiquei 8 dias na UTI, melhorei um pouco, mas fiquei na UTI porque eu queria fugir, não me colocaram no quarto, me pegaram várias vezes na porta da UTI, queria acha a sacada para me jogar. Quando ganhei alta minha irmã foi me buscar, me levou para casa, Tinha que recomeçar, pois aquilo que queria não deu certo, mas pensava desse jeito não deu certo, como que vou fazer, sempre me lamentando, me enforçar nunca pensei, seria uma morte muito violenta ou outra coisa mais trágica, muito pensamento sempre foi tomar medicação. Aí todos falavam foi Deus que te salvou, você tem uma missão, tal, e eu pensava o que vou fazer agora, Daí como fiquei com esse problema no braço, me encaminharam para um neurologista, foi o mesmo que me atendeu na UTI, comecei a conversar com ele, ele perguntou porque eu tinha feito aquilo. Falei que foi por causa de um homem, que tinha me dado fora. Ele começou a fazer uma investigação sobre minha vida. Aí ele falou não você não fez isso ou aquilo por este motivo, sua vida tem outros fatores que te levaram a fazer isso, problema com teu pai, tua mãe, pai do teu filho, teu filho, problema com o trabalho, tudo isso que te levou a chegar nesse ponto, você com uma depressão grave, eu chorava, só chorava, não sabia o que era uma depressão, muitos falavam

eu achava que isso era frescura, que a gente quer se matar, a minha é minha e eu quero me matar. Daí ele me passou para a psicologia, comecei a me tratar fiz muito terapia com psicólogo. Foi um processo bem longo, mas fui evoluindo, me estabilizei, continuei tomando a medicação. Nunca saía, não era de ir em balada, um dia uma amiga convidou, eu tomava medicamento e fui com ela estava um dia muito frio, comecei a tomar e fiquei meio loucona, tinha um amigo ali começamos a dançar, aí ele me levou para a casa dele, ficamos junto, dali umas semanas me vi grávida, uns antes já estava pensando em suicídio, mesmo tomando remédio pensava em suicídio. Quando me vi grávida pensei suicídio não, vou ter essa criança e tudo mudou, minha gravidez tirou minha depressão. Minha filha nasceu, passei bem, depois ganhei alta, Quando ela tinha 1 ano, dois meses depois meu pai faleceu bem debilitada, não me reconhecia mais, minha mãe não podia mais ver ele, ela agredia ele, sempre eu acabando separando eles, as vezes eu me machucava, ela atirava café quente nele, daí eu comecei a quebrar, tudo dentro de casa, agredia minha mãe para ele ver se acalmava, para ela parar com aquilo, tinha que mostrar quem que mandava que não podia fazer aquelas coisas. Meu pai faleceu, teve um final bem triste. Aí começou a minha luta, tinha a pensão da minha filha mas perdi a pensão do meu pai, as coisas começaram a se fechar, foi se fechando, chegou um ponto que não dava mais, só com a pensão, arrumei um emprego de diarista e ajudante de restaurante, dava meia hora de casa, dava para ir à pé, gostei muito fazia o serviço da casa, quando apurava ia no restaurante, era uma maravilha. Depois começou os fumo, fui ajudar meus primos, onde tinha eu estava indo, trabalhei muito. Aí apareceu uns homens que trabalhavam em uma obra, peguei para lavar roupa deles. Trabalhava dia e noite, fazia umas almofadas, dormia uma duas horas só, mas me sentia muito bem, feliz, era uma realização de um sonho, logo ia começar as aulas, comprei os material, deixei tudo arrumadinho, depois me deu um apagão, fiquei estagnada uns dois dias, as pessoas vinham conversar comigo convidar para sair, para ir no hospital e eu não queria, tinha um medo de tudo de todo mundo, achava que estavam querendo me fazer mal, fiquei bem "locona". Minha patroa foi me buscar, porque não tinha ido trabalhar, pedi para ela me tirar de lá, porque queriam de matar, não falava coisa com coisa. Chegou uma hora que sai correndo pelas estradas, meu filho tinha 7 anos ou 8 anos, saiu correndo atrás de mim, cheguei em uma casa, apedrejei, fui xingada depois fui na casa de uma amiga, apedrejei o carro dela, quebrei o para-brisa. Veio os bombeiros eu corria deles, foi

um loucura, aí veio a polícia, conversamos, pedi para eles me prender porque queriam me matar, aí eles abriram a viatura e eu entrei eles me trouxeram no CAPS. Já tinham chamado minha irmã falaram o que tinha acontecido, me levaram no pronto socorro, me deram umas injeção, fizeram umas entrevista, viram como eu estava em surto. Pra mim eu estava louca, minha irmã me maltratava bastante quando eu estava na casa dela. Minha filha de 2 anos tinha ido para outra cidade ficar lá, meu filho ficou aqui, todo dia eu vinha no CAPS, não tinha sido internada, primeiro vamos fazer um tratamento aqui se não resolver a gente interna. Como ela sabia o que eu tinha, começou a dar a medicação correta, evolui bem, quando chegava na casa da minha irmã ela me maltratava muito, tomava banho frio, era bem grossa, me trancava no quarto, queria fumar ela não deixava, era bem sofrido. Isso que eu passei na casa dela eu agradeço, tudo que ela fez para eu lutar. Quando vinha no CAPS pedia para o Psiquiatra me liberar, queria voltar para casa que não aguentava ficar longe dos filhos, de casa, ele dizia que não, que eu não estava em condição, que ainda tinha que ficar lá, você não pode ficar sozinha, você está para se cuidar eu era obrigada a ficar naquele sofrimento. Aí que eu comecei a levar mais a sério, tomava os remédios, fazia os exercícios, fiz tudo para ficar bem, todos os dias eu pedia “posso ir para casa?”. Até que chegou o dia que me liberaram, sai da casa da minha irmã e fui para casa, chegando em casa estava tudo virado, abandonado arrumei tudo. Mas todo dia tinha que vir bem cedo, pegava o ônibus das 7:30 e voltado à tarde, fazia terapia. Até que um dia o psiquiatra saiu do CAPS, tive que trocar de médico passei para outro psiquiatra, ele fez umas mudanças na medicação, eu fiz umas queixas, comecei a ter muito sono, só dormia, meus filhos ficavam por conta. Quando eu ia no CAPS meu filho ficava na escola, minha filha na creche, como só dormia eles ficaram por conta. Meu filho tinha uma bicicleta, colocou minha filha e ela colocou o pé na roda, caiu e bateu a boca no chão, os dois se machucaram, eu estava na cama, minha filha com a boca cheia de sangue, abri o olho e disse “a mãe não está boa”, ela deitou no meu lado parou e chorar e dormiu, minha cunhada tinha visto ligou para minha irmã, ligou no outro dia a gente veio cedo no CAPS a disse a mulher que eles iam me internar, não tinham o que fazer. Fiquei um mês internada, vim embora fiquei alguns meses bem, consegui até alta, voltei a trabalhar, fiquei uns seis meses aí acabou o serviço, não tinha mais renda, não tinha nada. A depressão voltou comecei a ficar de cama, chorando, não sabia o que fazer, uma hora tomava, outras não tomava, aí chegou no conhecimento

do CAPS eles falaram que tinha que ficar uns dias na casa na minha irmã. Não eu não vou, não vou, aí fiquei em casa mas meus filhos ficaram com minha irmã, fiquei sozinha. Aí o que foi que eu fiz, novamente peguei um copo enchi de comprimido, vou me matar, vou me matar dessa vez não vou errar, peguei o dobro de remédio fiz um pirão e tomei , aí no meio da madrugada, vomito, diarreia, vomito, diarreia, vomito diarreia, só sofri sabe, pensei “meu Deus do céu será que não vou dormir, não vou morrer, não vou morrer” fui procurar mais remédio, não tinha mais, achei umas garrafas de Ice, umas bebidas lá tomei e fiquei, passei sexta, sábado e domingo vomitando ,só vomito com diarreia, só vomitando com diarreia, a tarde fui no meu irmão e contei o que tinha acontecido. Na segunda ligaram novamente no CAPS eles pegaram o carro e foram lá me buscar, de novo fui internada, fiquei três meses internada. Aí voltei não pensava tanto em suicídio, fui levando a vida. Era uma coisa que eu fica pensando uma hora, né, tomara que venha vai dar certo. Daí eu andava pelas ruas, pensava tomara que venha um carro desgovernado e me bata ao atravessar a rua, que venha um carro e me bata ou uma doença repentina que não tenha cura né, que eu morra sabe, me matar já não era meu foco. Queria que alguma coisa acontecesse para eu morrer eu não queria viver sabe. Aí sempre levei a vida assim. Às vezes tinha problema de saúde, mas dizia não vou mexer, sempre pensava amanhã ou depois vou me matar, sabe, uma época me cortava bastante, mas só superficial, aqui na garganta sabe, não conseguia, não tinha força pra fazer cortes profundos vivia me maltratando, sabe, só pensava em morrer, sempre levei minha vida assim, sabe, sempre pensava amanhã ou depois me mato. Meus filhos já estavam na escola, mas eu sempre com aquela ideia de suicídio uma coisa que sempre me acompanha desde meus 16 anos até meados do ano passado, não dava valor para a vida achava um absurdo se a pessoa não quer viver, ter que viver, perguntava para o CAPS o que eles tinham a ver com isso né, deixe que eu me mate, porque se importar com minha vida, né, se eu quero me matar me deixem eu me matar o que que eles querem, né. Não via isso como uma “nossa”, hoje eu vejo tudo isso como um absurdo, tentar contra a própria vida, né, maior absurdo, né. O ano passado eu estava a dois passos para fazer uma coisa para morrer mesmo, eu ia tomar uma medicação, bebidas eu ia arrumar tijolos, a gente faz planos, né, absurdos, ia entrar no tanque lá perto de casa e ia me afogar nesse, né, estava com aquilo, né, a gente faz planos, cada plano mais absurdos. Um dia vinha para Canoinhas, para resolver umas pendências para deixar pronto para meu

filhos. Daí resolvi pedir ajuda, pedi para ver se tinha como arrumar um internamento pra mim, pois estava a um passo eu ia atingir o meu objetivo, só pode ser, aí já conseguiram já no outro dia, sofri, sofri nessa internação era inverno sabe, meu Deus do céu passei lá fiquei quase três meses, consegui fazer uma cartinha escondida pro meu filho no dia de visita, para a Vivian, pedindo pelo amor de Deus eles pedirem minha alta que estava melhor tudo, sabe. Aí “tal” uma hora me deram alta, podia ir embora, passou-se o tempo e “tal”, um dia conversando com meu primo, disse que ele tinha separado da mulher tal e coisa, devia ter uns 28, 29 anos, ele disse estou quase que nem você aquele dia que te tiramos na casa com o bombeiro, aquilo me deu um choque sabe, né, o que você estava junto, ele disse eu era “criança”, mas eu me lembro o jeito que nós tiremos você lá de dentro mas morta do que viva e eu “to” pra fazer isso a qualquer momento. Aquilo bateu em mim, sabe, com um choque, meus Deus do céu, veja só o jeito que você está falando, né, eu disse isso é uma coisa muito grave, né. Eu vi a gravidade da pessoa que a pessoa vai contra a própria vida, sabe. Comecei a falar com ele e aquilo foi assim e a coisa começou a clarear pra mim, nossa, né, aí eu vi a gravidade, né, nossa aí vi o que é, alguém te dizer isso e eu sempre falava isso com a maior natureza que eu ia tirar minha vida, que ia me suicidar e “tal” né, não via isso como uma doença.

P: Você chegou a falar com outras pessoas sobre essa vontade de morrer?

P3: Muitas vezes eu falava ninguém levava fé né, eu dizia a “eu vou dar um jeito na minha vida”, né, “vou dar um jeito não quero viver assim”, fazia comentários assim, mas ninguém levava muito a sério né, Mas quando esse meu primo falou sabe, foi assim bem, foi uma luz conversei com ele né, você um cara novo, dono de empresa, né, bem sucedido por causa de uma separação você falando uma coisa dessa, um absurdo desse, né, olha quem fala não sei o que, pois é justamente por isso por ter feito que “tô” te falando te falando isso, né. E hoje em dia eu vejo assim que, né, que eu tenho muita dor nos dedos assim, sabe, mas uma dor que assim já muito tempo me incomoda, uma dor na coluna, só que nunca penso em ir no médico para ver isso, porque aí logo vou morrer logo vou me matar, não vou mexer com isso, Aqui tenho uma verrugazinha o próprio psiquiatra mandou tirar um pedacinho para fazer uma biopsia que pode ser um câncer de pele, na hora me choquei mas logo pensei logo vou me matar mesmo, sempre levei a vida assim, né. Agora do final do ano pra cá as coisas foram mudando sabe então eu consigo ver meu futuro sabe,

consigo ver assim meus filhos crescer, né, meu filho já vai fazer 19 anos, minha filha fez 13 anos agora, ver eles crescer, ser bem sucedido né ter uma carreira né, casar, ter filhos, ser vó, coisas assim consigo ver coisas que antes eu não via. Pra mim isso jamais eu daqui a pouco estou lá no cemitério. Eu vinha no cemitério ver o pai com a mãe e dizia logo, logo estou com vocês, a qualquer momento venho aqui com vocês, sabe, só assim na minha mente era só isso, né, faz parte no meu diagnostico sou bipolar, depressão e transtorno de hábito de impulso, né, também tinha a mania de furtar, tive presa, tudo foi coisas assim que aconteceu que consegui supera. E eu posso dizer hoje essas tentativas de suicídios foram a primeira com 16 , depois com 23, depois com uns 26 né, depois tive essas auto ventilação tudo né, mas foram tentativas que não deram certo, Hoje eu vejo que eu “to” aqui, tenha uma vida pra levar, filhos pra criar, ver eles crescer, ficar adulto e uma vida pra levar que Deus me deu com muita generosidade nessa vida, tenha minha casa própria, toda mobiliada, tenha uma cama quente pra dormir, tenho tudo dentro de casa não falta nada sabe, só me falta hoje um trabalho uma renda que eu não tenho, “to” lutando por uma pensão do meu falecido pai que como tenho esse diagnóstico eu teria que conseguir mas na época faltou uns documentos, aí foi negado, tive que entrar na justiça, tá tudo parado, uma hora ou outra pode ser que dê certo ou errado, meu filho está trabalhando direto, ele me ajuda e eu sou uma pessoa que venci, por hora assim poço dizer que a não ser que a gente seja uma pessoa sensível, que aconteça amanhã ou depois alguma coisa que me abale e eu volte a pensar de tirar a vida, né. Mas acredito que é uma fase que superei sabe, essas tentativas foram assim, hoje eu vejo que foi a maior loucura da minha vida, é que a gente é perfeita, tem perna, braço, mão, tudo a gente tem, né. Apesar de tudo, de eu ter perdido a razão, várias vezes eu consegui recuperar, sou uma pessoa que racionaliza tudo as coisas, né, capacidade de agir né, vejo pessoas aqui no CAPS, que entraram, começaram o tratamento nunca evoluíram, continuam igual ou pior, né, e eu não, eu entrei surtada na CAPS, completamente louca, quebrando coisa de gente conhecida, gente estranha, ninguém pode me processar, me cobrar nada porque era uma pessoa doente. Cheguei no CAPS e consegui voltar normal, evoluir , e olho pro lado e vejo pessoas que não tiveram a mesma sorte, talvez porque se empenharam ou porque era pra ser assim, não sei. Mas hoje posso dizer que sou uma pessoa realizada feliz, lutando pela vida, né, já estou mexendo com os exames, pode ser uma artrite, tendinite, lombalgia, vou procurar tratamento, vou fazer porque quero tocar minha

vida sem essas dor, se aparecer um trabalho, para poder trabalhar, sem sofrer essas dor né, com a mente boa, uma mente limpa, lúcida, sabe.

P: A quanto tempo você está em acompanhamento aqui pelo CAPS?

P3: É... 2004, 2020, é 16 anos.

P: Nesse período você abandonou o tratamento ou pensou em abandonar?

P3: É eu cheguei abandonar lá na minha gravidez da minha filha, quando me vi grávida né, a primeira coisa que fiz, foi vir ao médico, né, e falar que estou grávida e estou com medo de tomar medicamento e afete minha gravidez, aí ele era homeopata. E ele substituiu meus remédios para homeopatia, fiquei uns meses tomando aquelas gotinhas, sabe, e eu pensava isso e nada mesma coisa, e abandonei, não tomei e abandonei e passou-se um 1 ano e aí que eu tive o surto né, aí no prontuário aconteceu, porque eu abandonei o tratamento. Abandonei e por isso deu o surto, sabe, se eu tivesse tocado meu tratamento talvez não tivesse acontecido, não sei.

P: como é para você falar sobre tudo isso?

P3: Agora que estou aliviada, falei de tudo, né, coisas que até pouco tempo não conseguia falar sem chorar assim, sabe, me lamentar, sem sentir ódio, sem sentir aquela mágoa, raiva. Agora assim para mim falar disso é contar uma história que eu passei, que eu vivi e uma coisa que não me incomoda mais sabe uma coisa que está vencida.

P: Tem algo mais que você gostaria de falar sobre isso?

P3: Não eu acho que contei minha história, talvez poderia ter resumido, ficou metade pra trás e outro, mais foi um experiência né, espero que não volte acontecer, né, eu lamento quando fico sabendo de alguém que se suicidou, que foi lá e atingiu o objetivo, porque quando estava em um dos meus internamentos uma das paciente do CAPS, que vivia tomando medicamentos pra se matar, é, é no dia seguinte que eu cheguei em casa daí eu estava saindo na BR pra pegar o ônibus, uma vizinha conhecia essa moça, pois é a Fati conseguiu se matar, disse “o que? se matou?” ela disse “é pense o que ela chorava, fui na UTI ver ela, disse que ela não queria morrer, que só tomou os remédios pra chamar atenção, que ela não queria morrer”, sabe. Eu pensei “nossa como uma pessoa brinca, estava brincando que queria se matar e acabou morrendo mesmo e eu que tudo que fazia pra atingir o objetivo de morrer, nunca consegui” né, então vejo como uma privilegiada, que a vida é a melhor o maior presente que a gente pode ter.

P: E tem algo que faria você voltar atrás, nas suas tentativas?

P3: Volta atrás assim, você quer dizer...?

P: Impedir você de fazer as tentativas?

P3: É eu acho que não, porque tudo veio como uma avalanche sabe, era uma soma de dias, dias e dias, planejando, pensando, pensava em me enterrar viva, é, é era assim coisas macabras que me vinham na cabeça, chegava uma hora que um explodia e fazia alguma coisa, nunca tive sucesso, mas é, não tinha que me impedisse e “tal”, então nada, né, teria me segurado nesse momento.

P: Ok, eu quero te agradecer por você ter dividido essa história, que não é pouca é uma história realmente de muita coisa de superação no final, desejo que você continue seu tratamento que você invista na sua saúde, que você consiga ainda mais futuro para você e sua família, pelos colegas, enfim. Quero dizer que estou disponível se você precisar falar sobre alguma coisa, conversar, tem os números dos contatos no termo. Agradeço de verdade por você ter compartilhado sua história. Muito obrigada!

P3: É né dizem que é tudo essa minha trajetória é consequência da minha infância que veio do útero da minha mãe, então a gente vê que faz sentido mesmo, minhas dizem é mais a gente passou pela mesma coisa e como que nós não somos assim né, não é toda pessoa que em cara isso de uma maneira que fica na mente, transtorna a mente da pessoa né, eu fui infelizmente que fui afetada, tive meu futuro afetado, abalado, por essas consequências. Mas foi coisas que aconteceu lá atrás né, então o negócio é a gente vê, quando o médico disse que eu tinha que tomar remédio o resto da vida, meu Deus sabe, né, tomar remédio o resto da vida, nunca parei pra pensar como seria minha vida, né, durante todo esse tratamento tomando esses remédios, muitas vezes eu me sentia com raiva de ter que tomar aquela medicação, tudo né, hoje não, hoje eu sei que tenho que tomar e é minha vida, minha está na medicação, se eu não respeita a minha medicação eu vou ter consequências, que não vão ser poucas. Tá bom então.